

O mau comportamento

No livro "Transtornos Comportamentais da Infância e da Adolescência", o psiquiatra Gustavo Henrique Teixeira orienta professores, pais, profissionais da saúde e de educação sobre como lidar com as mudanças de comportamento dos estudantes e alerta para a importância de um tratamento adequado

dos alunos em questão

Luciana Moreira Ferreira

A mudança de comportamento dos estudantes nas escolas é um assunto que já vem sendo analisado cientificamente há anos por especialistas, mas só mais recentemente tem chamado atenção também dos professores. Muitas vezes confundidos com desculpas pelo mau comportamento, os transtornos podem ser doenças que se não forem tratadas na infância e na adolescência podem deixar muitas marcas na vida adulta. Os mais conhecidos são Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno Desafiador Opositivo e Depressão.

O psiquiatra Gustavo Henrique Teixeira, que lança neste mês o livro "Transtornos Comportamentais da Infância e da Adolescência" com objetivo de auxiliar pais, professores e profissionais da área de saúde e educação a lidarem e tratarem estes problemas, diz que a

"O governo faz uma política bonitinha de inclusão social, faz propaganda de um trabalho inclusivo, entretanto, não capacita o professor, que precisa de informação, de material, de palestras, de cursos. A maioria dos professores nem sabe o que é TDAH e ele tem que ter acesso à esta informação. Em psiquiatria da infância e da adolescência o importante é trabalhar a prevenção. Se você pegar uma criança com o diagnóstico no início é possível dar uma qualidade de vida melhor para ela. O professor tem que ser o primeiro profissional a receber este tipo de informação"

integração de pais, professores e médicos é fundamental na avaliação e no tratamento das crianças e adolescentes.

Segundo o médico, que é membro da American Academy of Child and Adolescent Psychiatry (AACAP) e da Associação Brasileira de Neurologia e Psiquiatria Infantil, os transtornos comportamentais atingem cerca de 12 milhões de jovens brasileiros e

10% a 20% das crianças em idade escolar.

Em entrevista à Folha Dirigida, o psiquiatra Gustavo Teixeira explica estes transtornos, suas consequências, tratamentos e dá dicas de como lidar com eles. Leia a entrevista:

FOLHA DIRIGIDA - Quais os principais transtornos comportamentais entre as crianças e os jovens?

Gustavo Teixeira - São o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), o Transtorno Desafiador Opositivo (TDO) e a Depressão. O TDAH é o que mais causa prejuízo e que tem uma incidência realmente alta, em torno de 5% a 6% de crianças e adolescentes em idade escolar. O TDO também é frequente, pois as crianças têm um comportamento de oposição e de desafio a figuras de autoridade e muitas vezes se apresentam agressivas, desafiando os professores a todo tempo, se recusam a fazer deveres de casa, a copiar matéria do quadro, são hostis e culpam as outras crianças como responsáveis pelo seu mau comportamento. Crianças com depressão também apresentam prejuízo acadêmico.

FOLHA DIRIGIDA - Quais são as consequências destes transtornos no desempenho escolar destas crianças e jovens?

Gustavo Teixeira - No TDAH, as crianças têm dificuldades de focar atenção em um objeto, têm déficit de concentração e quando são hiperativos têm uma dificuldade de permanecer sentados e atrapalham a dinâmica escolar. A atenção é formada por dois fatores, a tenacidade, que é a capacidade de focar em uma única coisa, e a vigilância, que é a capacidade de prestar atenção em tudo que ocorre ao redor. Em crianças ou adolescentes com TDAH, a tenacidade está boa, entretanto, a vigilância está alta demais. Ela presta atenção em tudo e não é possível ser tenaz em duas coisas ao mesmo tempo. E pode ser também aquela criança agitada que não pára quieta e não consegue prestar atenção no professor. O que acontece com o cérebro da pessoa com TDAH? Existe uma baixa de duas substâncias químicas: noradrenalina e dopamina que leva a um mau funcionamento do sistema, a criança fica desatenta e hiperativa. Ai entra o tratamento, em que é utilizado um psicoestimulante, a substância chega ao cérebro e aumenta a concentração de noradrenalina e dopamina, o sistema atencional vai funcionar bem e a criança consegue focar melhor a atenção e ficar menos agitada.

FOLHA DIRIGIDA - E como pais e professores devem lidar com os outros transtornos?

Gustavo Teixeira - No caso da depressão, era uma criança que anteriormente estava muito bem socializada, tinha um desempenho acadêmico bom e de uma hora para outra começa a se isolar em sala de aula, tudo perde o sentido, não quer mais brincar, não sente mais prazer pelas coisas, fica cabibaixa, o desempenho acadêmico cai muito e, às vezes, passa a se envolver em brigas porque está com humor irritável, explosivo. Em casa, ela não se alimenta direito, tem insônia ou dorme demais e têm até pensamentos suicidas. Numa criança com depressão tem que estimular, um papel importante do professor é estar próximo desta criança. No estudo em casa os pais também devem ajudar, tem que tentar melhorar a auto-estima, elogiar, fazer um reforço positivo quando ela tiver uma atitude legal. No TDO a criança tem comportamento hostil, desafiador, contra regras sociais e muitas vezes tem um prejuízo acadêmico porque se recusa a fazer o dever, mente, diz que fez e não fez, tem dificuldade de trabalhar em grupo, não aceita as regras do grupo, tudo tem que ser do seu jeito, ninguém quer fazer trabalho com ele. Com uma criança com TDO é importante dar limite, porque é uma criança extremamente manipuladora, não se pode permitir que ela manipule o professor, as regras têm que ser claras, têm que ser ditas de maneira clara e rápida num enunciado pequeno para facilitar o entendimento. E tem que fazer respeitar o professor, melhorar a socialização. Às vezes, o professor acaba a aula e acha que a responsabilidade dele acabou, mas não. Pode ser uma criança que sofre bullying, é agredida, maltratada por outras crianças no intervalo. E é papel do professor proteger essa criança. As vítimas de bullying podem ter depressão devido à sua violência. E as autoras, as que agredem, podem ter TDO ou TDAH do tipo hiperativo. Os professores devem tentar ensinar aos alunos a importância do respeito ao próximo, de respeitar o outro para ser respeitado para tentar cultivar uma cultura de paz.

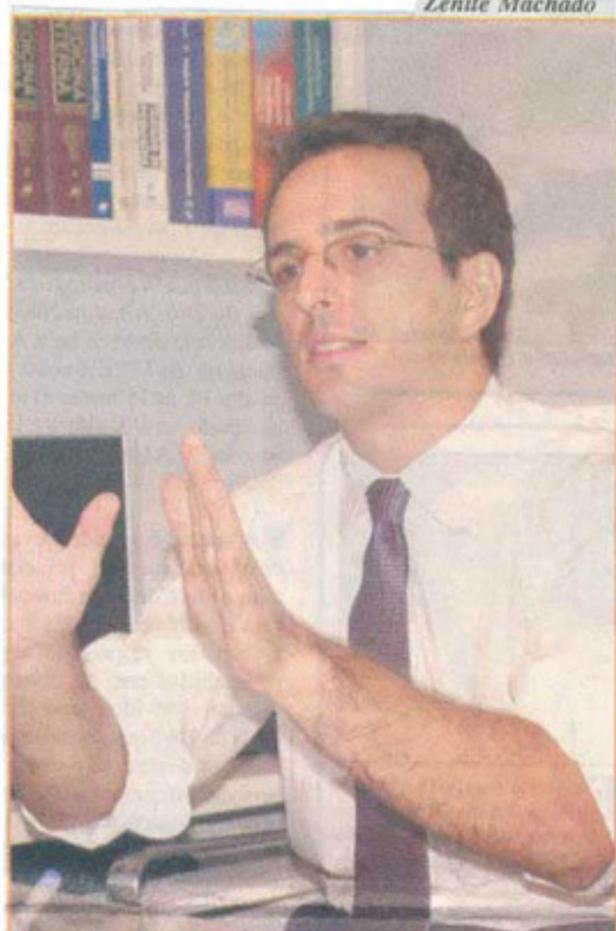
FOLHA DIRIGIDA - As crianças e jovens de hoje são mais acometidas por estes transtornos do que as de antigamente?

Gustavo Teixeira - Provavelmente não. Mas hoje se faz mais diagnósticos do que antigamente. A criança sofria em silêncio, até hoje acontece isso, mas felizmente tem se feito melhores diagnósticos. É claro que o ambiente influencia, mas provavelmente a incidência não aumentou. Em cidades grandes, a família não almoça junto, não dá tempo, o pai sai para trabalhar de manhã e volta à noite, não tem contato com a criança e isso influencia. No livro, em cada capítulo, eu cito a importância do apoio familiar e é o motivo inicial de eu ter escrito o livro. A gente sabe que um ambiente acolhedor, um diálogo é importantíssimo, por exemplo, para proteger essa criança contra os transtornos comportamentais e o uso de drogas. Isso é dado científico, o simples fato de você sentar com o seu filho e conversar, ter uma rede de apoio familiar é importante como fator de proteção ao uso de drogas. É claro que a família não tem como impedir que o adolescente vá se envolver com drogas, mas é um fator protetor importante.

FOLHA DIRIGIDA - Como os professores podem diagnosticar esses transtornos na sala de aula? E qual a importância deste diagnóstico?

Gustavo Teixeira - O papel dos professores é importantíssimo. Na avaliação, nós buscamos prejuízos acadêmicos, sociais e ocupacionais e o professor e os pais são os primeiros a observar se tem alguma coisa errada no comportamento da criança. Tem que ficar de olho se a criança começou a apresentar prejuízo acadêmico na escola, no relacionamento social ou nas atividades de lazer e esporte. Na verdade, é importante dizer que quem vai fazer o diagnóstico não é o professor nem o pai é o médico. O importante é que observando os sintomas deve se encaminhar a um psiquiatra especialista na infância e na adolescência, que vai fazer a avaliação, e dar o diagnóstico. Se não tiver transtorno, ótimo. Se tiver, o especialista vai medicar. Quando atendo a família, no final da consulta os pais pedem material para ler sobre o assunto. Isso é essencial, é o que chamamos de biblioterapia, quanto mais sabemos a respeito do problema, mais fácil fica aprender a lidar com ele. Daí que surgiu a ideia de escrever um livro que pudesse ajudar.

Zenite Machado



Gustavo: "É preciso integração da família e da escola"

FOLHA DIRIGIDA - Os transtornos comportamentais estão relacionados com o meio onde as crianças e adolescentes vivem ou são genéticos?

Gustavo Teixeira - Normalmente, são fatores genéticos, mas o meio também influencia. Sabemos hoje que filhos de pais deprimidos têm uma chance muito maior de vir a apresentar depressão do que filhos de pais sem este diagnóstico. O fator ambiental muitas vezes funciona como um desencadeante. A criança tem um componente genético nela para a depressão e de repente o ambiente em casa não está legal, isso pode ser o que puxa o gatilho e detona. Isso explica porque às vezes tem dois amigos, um com um ambiente mais ou menos em casa o outro mais ou menos, e o que tem o ambiente mais ou menos faz a depressão e o outro não, é provável que esse outro felizmente não tenha o componente genético para a depressão.

FOLHA DIRIGIDA - Como os professores e os pais devem lidar com esses transtornos no dia-a-dia escolar e familiar?

Gustavo Teixeira - Em casa, o ideal é que a criança tenha um ambiente silencioso, longe da janela, com porta fechada, sem televisão, uma mesa só com o material de estudo, porque se colocar Matemática, Português e História ela vai prestar atenção em tudo ao mesmo tempo. Disciplina e organização também são importantes. Organização é fácil, em dez minutos eu monto uma tabela e fixo os horários para o estudo, o difícil é ter disciplina para seguir a tabela. Também é importante dar rotina para estas crianças, porque são desorganizadas e não conseguem controlar o tempo. Na escola, se o aluno é desatento bota ele para sentar na frente, se ele ficar próximo do quadro o campo visual vai diminuir e diminuir os outros estímulos visuais que iriam atrapalhar. Se a criança é muito agitada, o professor pode convidá-la para apagar o quadro negro, para buscar o retroprojetor. Uma criança que distrai muito, o professor deve questioná-la "o que eu perguntei?". Se a criança tem dificuldade de prestar atenção durante muito tempo, o professor pode dar as matérias mais difíceis no início da aula quando a criança está descansada e no final do dia dar a matéria mais fácil. E isso não vai atrapalhar a turma, porque essa técnica vai ajudar quem não tem transtorno também, todos se cansam. Fazer pausas a cada 30, 40 minutos vai facilitar para quem tem TDAH e para quem não tem.

FOLHA DIRIGIDA - O senhor acha que com todos os problemas que os professores enfrentam eles estão preparados para lidar com estes transtornos? Os professores deveriam receber orientação específica para lidar com isso?

Gustavo Teixeira - Infelizmente, eles não são preparados. O governo faz uma política bonitinha de inclusão social, faz propaganda de um trabalho inclusivo, entretanto, não capacita esse professor, que precisa de informação, de material, de palestras, de cursos. A maioria dos professores nem sabe o que é TDAH e ele tem que ter acesso à esta informação. Em psiquiatria da infância e da adolescência o importante é trabalhar a prevenção. Se você pegar uma criança com o diagnóstico no início é possível dar uma qualidade de vida melhor para ela. O professor tem que ser o primeiro profissional a receber este tipo de informação. No entanto, o governo não preza muito por isso. Antes de falar em inclusão, é preciso incluir o professor, tem que explicar o que são os transtornos comportamentais em crianças e adolescentes, como podem interferir na vida da criança, que tipo de prejuízo podem causar. O trabalho de instrução do professor é essencial, palestras, livros, vídeos, informação, informação, informação.

FOLHA DIRIGIDA - O senhor não acha que é uma responsabilidade muito grande transferir para os professores a identificação desses problemas? Qual a importância da integração do professor com a família?

Gustavo Teixeira - Não cabe ao professor fazer o diagnóstico, quem tem que fazer o diagnóstico é o psiquiatra da infância e da adolescência. Cabe ao professor e aos pais observar os sintomas. A integração do professor, da família e do médico é essencial. Por exemplo, quando faço uma avaliação não basta eu entrevistar os pais e a criança. A gente fala em , que ajuda a psicóloga, que ajuda a fonoaudióloga, que ajuda a criança. A gente faz avaliação com os pais, com a criança, solicito uma avaliação com a escola. Também costumo ir até as escolas fazer palestras sobre os transtornos para informar os professores. A comunicação entre pais, professores, médicos quando tem um problema comportamental é essencial, tem que estar sempre se falando. O trabalho é conjunto.

FOLHA DIRIGIDA - São poucas as pessoas que têm a oportunidade de ter este tratamento?

Gustavo Teixeira - Realmente é um tratamento que envolve muitos profissionais e, às vezes, isso é inviabilizado num país pobre como o nosso. Mas existem alguns serviços públicos que têm tratamentos para os transtornos comportamentais e que os alunos de escolas públicas têm acesso. O nosso setor de neuropsiquiatria da infância e da juventude da Santa Casa, por exemplo, faz um atendimento basicamente para população carente. Claro que o ideal seria que existissem vários pólos no Rio de Janeiro e no Brasil todo. Mas os pais conseguem encontrar serviços especializados, existem ONGs que fazem este trabalho, a UFRJ, a UFF também prestam este serviço.

FOLHA DIRIGIDA - Qual seria o limite entre o transtorno e a má educação das crianças e adolescentes?

Gustavo Teixeira - É a avaliação do psiquiatra especialista na infância e adolescência. Por isso que é importante avaliar a criança, os pais, a escola, porque às vezes o pai fala uma coisa e a escola fala outra, então, a gente confronta as informações. Às vezes, a criança só tem o sintoma em casa e a professora diz que na escola a criança é ótima. Alguma coisa está errada. Você não consegue ser diabético no trabalho e não ser em casa. Se ele tem os sintomas só em um lugar, ele não tem transtorno e sim deve estar com algum problema em casa, pode estar sendo abusado sexualmente, moralmente, os pais estão se separando, brigando, alguma coisa tem.

FOLHA DIRIGIDA - Qual seria a maneira ideal de tratar estes transtornos comportamentais em crianças e adolescentes?

Gustavo Teixeira - O ideal é fazer o diagnóstico o mais precoce possível. Quanto mais precocemente a gente começa um tratamento o prognóstico para essa criança é muito melhor. Porque na linha natural do transtorno existem prejuízos, a cada momento ela está tendo um prejuízo, na escola, social, de relacionamento. O ideal seria informar o professor, os pais que quanto antes conseguir identificar os sintomas, fazer uma avaliação e tratar, melhor será para o futuro da criança.